



COOPERATIVISMO DE CRÉDITO COMO ALTERNATIVA AOS BANCOS COMERCIAIS: UM ESTUDO DA COOPERATIVA DE CRÉDITO SICOOB MERIDIONAL

Vanessa Carina Rossatto
Flávio Braga Almeida-Gabriel

RESUMO

O presente estudo analisa uma alternativa ao sistema financeiro bancário tradicional: o cooperativismo de crédito. Assim, o objetivo geral foi verificar como a cooperativa de crédito atua como propulsora do crescimento econômico local através da distribuição de riqueza. Inicialmente, resgata-se o conceito de cooperativismo. Depois é estudado a história do cooperativismo de crédito, para se compreender o que ocasionou o seu surgimento e quais os passos que o levaram a sua organização atual. A partir disso, buscou-se descrever como o cooperativismo de crédito influencia no crescimento econômico no local onde está inserido auxiliando o desenvolvimento de seus cooperados. Em função do objeto, o método de pesquisa selecionado foi o de estudo de caso da cooperativa de crédito Sicoob Meridional e seus cooperados, demonstrando a distribuição de riqueza através das sobras e remuneração pagos dos juros ao capital e realizando comparativo de taxas e tarifas de operações com os bancos comerciais tradicionais. Os resultados do estudo indicaram que a cooperativa proporcionou a distribuição de riqueza no local onde está inserida e a riqueza é gerada.

Palavras chave: Cooperativa de crédito. Crescimento Econômico. Repartição dos Lucros.

ABSTRACT

The present study analyzes an alternative to the traditional banking financial system: the credit cooperativism. Thus, the general objective was verifying how the credit cooperative acts as a propellant of local economic growth thorough the distribution of wealth. Initially, it is necessary to bring about the historical context of cooperativism. Then it's analyzed the history and concept of credit cooperativism in a way to understand what caused its emergence and what were the steps which took it to its current organization. After that analysis, the main objective of this study was described how the credit cooperativism influences on economic growth in the local where it is inserted assisting the cooperates on their development. In function of the study in a whole, were chosen the credit cooperative Sicoob Meridional and its cooperates as a study case, demonstrating the distribution of its wealth through its profitable scraps and income which were paid of capital taxes and comparing its taxes and rates of operations made with traditional commercial banks. The results of the study indicated that the cooperative propelled the wealth distribution in the local where it is inserted and where the wealth is created.

Key-words: Credit Cooperative. Economic Growth. Profit Sharing.



1 INTRODUÇÃO

Há uma forte tendência à coletivização das ações mediante processos de cooperação voltados ao desenvolvimento socioeconômico como forma de enfrentar o avanço da competição econômica nos mercados globalizados. Assim, os empreendimentos cooperativistas e associativistas destacam-se como mecanismos capazes de possibilitar aos indivíduos organizarem-se em torno de uma economia local ou regional a fim de criar empresas competitivas que estejam sob seu controle e condução.

O sistema cooperativo, inicialmente criado e utilizado na Inglaterra na forma de cooperativas de consumo, possui suas próprias características e se fundamenta nos valores humanos e na dignidade pessoal sendo o meio de adequação a um sistema econômico social que intenta, na união de pessoas com objetivos semelhantes, a redução dos custos e riscos de uma sociedade empresarial baseada em princípios cooperativos, tais como a intercooperação e controle democrático dos sócios (LEOPOLDINO, 2011).

Em face de um sistema financeiro competitivo e de um mercado financeiro oneroso e restritivo, as cooperativas de crédito despontam como uma alternativa para oferecer vantagens aos cooperados, diante do competitivo sistema financeiro.

Além de ser um instrumento que oferece recursos financeiros, as cooperativas de crédito são vistas como um importante propagador do crescimento econômico regional. Frantz (2003) destaca que as cooperativas são fenômenos que brotam da articulação e da associação de indivíduos que se identificam por interesses ou necessidades com vista a objetivos e resultados, geralmente, de ordem econômica. Neste aspecto, ressalta-se que o desenvolvimento regional é compreendido a partir de uma perspectiva endógena, demonstrando que os fatores internos à região são capazes de transformar-se em impulso de crescimento econômico.

Fonseca (2009) constata que em muitos países, há uma grande participação das cooperativas de crédito, desempenhando importante papel no desenvolvimento de setores econômicos estratégicos, atuando como mola propulsora ao desenvolvimento sustentável. No Brasil, o cooperativismo de crédito responde por apenas 3% das operações de crédito (BACEN, 2018). Este número demonstra o potencial de crescimento do ramo no país, segmento considerado ainda modesto se comparado ao de países desenvolvidos.

Cooperativas de crédito são criadas como extensão da economia de seus cooperados e com o objetivo de prestar serviços financeiros a eles. Atuam similarmente as



demais instituições financeiras, captando depósitos de usuários superavitários de liquidez, concedendo crédito a usuários deficitários e prestando demais outros serviços. Uma das diferenças fundamentais, entretanto, é que as cooperativas não visam a maximização do lucro operacional, isso porque, as operações de captação e de aplicação de recursos são realizadas entre os próprios associados.

Considerando que as cooperativas existem para prestar serviços aos associados, elas devem ter condições de oferecer-lhes tais serviços de forma mais vantajosa, que lhes compense frente as alternativas disponíveis no mercado. Isso seja, devido a custos menores para empréstimos, tarifas menores para serviços, remuneração ao capital social empregado ou ainda a devolução de eventuais resíduos operacionais (sobras) geradas pela organização periodicamente (KALUF, 2005).

A partir dessa constatação, nessa pesquisa explorou-se a dinâmica do cooperativismo de crédito, tendo como base a cooperativa de crédito Sicoob Meridional, e alguns elementos da relação dessas organizações com seus cooperados, especialmente no que se refere ao impacto financeiro que os quatro elementos (remuneração ao capital social, distribuição de sobras, pacote de serviços e diferença nas taxas de juros), propiciam um retorno de capital a sociedade atuando como alternativa aos bancos comerciais.

Assim, o presente trabalho buscou responder a seguinte questão: A cooperativa de crédito Sicoob Meridional atua na promoção do crescimento econômico através da distribuição de riquezas na sociedade a qual ela está inserida em comparação aos bancos comerciais?

Para responder essa questão, usou-se como base, para o comparativo, os dados de 2003 a 2018 da Cooperativa de Crédito Sicoob Meridional (que possui área de atuação em seis municípios do Oeste do Paraná e quatro municípios no Rio Grande do Sul) e os valores médios cobrados por bancos comerciais para o mesmo período.

O estudo justifica-se pelo fato de as cooperativas de crédito estarem entre as instituições financeiras menos estudadas. Pinheiro (2008) constata que é grande o desconhecimento sobre o cooperativismo de crédito no Brasil tanto pelo público em geral como por muitos estudiosos em finanças.

O objetivo geral que norteia esse estudo é o de demonstrar qual a participação da Cooperativa de Crédito na distribuição de riquezas nas regiões onde está inserida. Para alcançar o objetivo geral, procurou-se atingir os seguintes objetivos específicos: I)



Demonstrar o histórico e evolução do cooperativismo de crédito; II) Apresentar histórico capital social integralizado; III) Analisar a o volume de sobras distribuídas aos associados assim como a rentabilidade do capital; IV) Analisar a economia com taxas de juros e pacotes de serviços com de outros bancos atuantes no mercado.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 COOPERATIVISMO

2.1.1 Conceito de cooperativismo e um breve histórico do cooperativismo

A definição do termo *cooperativa* é aquela advinda do Congresso Mundial da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), ocorrido em Manchester, em setembro de 1995, “é uma associação autônoma de pessoas, unidas, voluntariamente, para atender às suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns, através de uma empresa coletiva e democraticamente controlada”.

A atividade cooperativa pode ser observada nas mais diversas vivências em comunidade ao longo da história, onde por motivo de sobrevivência, os seres humanos se reuniam para suprir suas necessidades básicas, principalmente, de defesa e alimentação. Agrupavam-se, também, para que na reciprocidade de seu trabalho, nas ideias em conjunto e no esforço sequencial de suas ações, pudessem realizar e concretizar seus propósitos e objetivos (BENATO, 1995).

Nas palavras de Pinho, as cooperativas são definidas como:

Sociedades de pessoas, organizadas em bases democráticas, que visam não só a suprir seus membros de bens e serviços, como também a realizar determinados programas educativos e sociais. Tem por fim a prestação de serviços sem intuito lucrativo – enquanto na empresa capitalista a prestação de serviços é o meio de obter o maior lucro possível, na cooperativa a satisfação das necessidades dos associados é o fim da atividade econômica. Daí, o retorno, isto é, a distribuição das sobras líquidas resultantes da diferença entre o preço de venda e o preço de compra – distribuição que se efetua pro rata das operações realizadas pelos associados na cooperativa (PINHO, 2004, p. 124).

Alguns pensadores ficaram conhecidos por defenderem as ideias do cooperativismo, fundadas em uma doutrina com traços socialistas robustos; tanto é que foram identificados como os “socialistas utópicos”. Suas ideias vão desde as propostas radicais e revolucionárias de tomada dos meios de produção e formação de repúblicas socialistas até



o pensamento reformista, de transformação da sociedade pela educação e pela solidariedade e associativismo (MAUAD, 2001).

Um dos personagens de maior referência no que tange à evolução das ideias e recursos cooperativistas é o inglês Robert Owen (1772-1858), colaborando com a constituição das primeiras cooperativas e dos seus princípios, principalmente, no que diz respeito à cooperativa de Rochdale¹ (MAUAD, 2001). Ele foi reconhecido como o precursor do ideal cooperativista porque desenvolveu, com os trabalhadores da época, o espírito de ajuda mútua, de solidariedade, tendo inclusive combatido o lucro, a concorrência, por considerá-los como os principais responsáveis pelos males e injustiças sociais, pela corrupção do meio social (PINHO, 2004).

Outro precursor do cooperativismo foi o francês François Marie Charles Fourier (1772-1837) que do mesmo modo como Owen, suas ideias tinham como princípio maior a solidariedade (FURQUIM, 2001).

Contemporâneo de Fourier, o também francês Saint-Simon (1773-1842), que defendia que a ordem social composta de exploradores e explorados deveria ser anulada por uma ordem industrial fundamentada na associação universal dos trabalhadores. Sugeriu a criação de um sistema social, onde cada trabalhador seria remunerado de acordo com desenvolvimento de seu trabalho, da mesma maneira que, todos usufruiriam de uma igualdade de oportunidades que garantisse “o mais completo e livre desenvolvimento de suas faculdades” (MAUAD, 2001).

Observa-se, assim, que existe certa relação entre o cooperativismo e o socialismo na qual na perspectiva de Veras Neto (2003), Marx apreciava o cooperativismo e, inicialmente, reconhecia as cooperativas como agentes representativos de um papel social progressivo. Entretanto, posteriormente a 1864, passou a criticar tal meio de produção, pois, na sua ótica, elas deveriam ser independentes e não direcionadas pelos interesses do Estado burguês. Porém, considerava que as cooperativas poderiam ser a superação do capitalismo, mesmo que imperfeitamente, pois os associados seriam capitalistas de si próprios, sendo somente subordinados ao sistema de troca e crédito existente no mundo capitalista.

Pelos conceitos propostos até o momento, nota-se que o cooperativismo possui uma preocupação imediata com valores e ideais humanitários. Os direcionadores doutrinários

¹ De acordo com Farias e Gil (2013) na cidade de Rochdale, no ano de 1844, região de Manchester - Inglaterra, 28 tecelões fundaram, aquela que é considerada, a primeira cooperativa: a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale.



são representados especialmente por valores e princípios de aceitação universal. Por terem abrangência além do mundo cooperativista, os valores precedem e dão origem aos princípios. Já os princípios, traduzem os valores e os levam à prática no meio cooperativo.

Os princípios cooperativistas são linhas orientadoras por meio das quais as cooperativas levam à prática os seus valores. Com o passar do tempo e diante das transformações econômicas e sociais do mundo, os princípios foram preservados, mas revistos e adaptados às exigências da sociedade atual. A lista definida em 1995, vigente até a execução desse estudo, dá conta de que a ação cooperativista, em qualquer parte do mundo, deve-se orientar pelas seguintes diretrizes fundamentais, descritas por Meinen e Port (2014) como: I) Adesão voluntária e livre; II) Gestão democrática; III) Participação econômica dos membros; IV) Autonomia e independência; V) Educação, formação e informação; VI) Intercooperação e VII) Interesse pela comunidade.

2.1.2 Panorama do cooperativismo no Brasil

O cooperativismo brasileiro é amparado pela Lei n. 5.764, de 16 de dezembro de 1971, que determina um número de no mínimo 20 sócios para a sua constituição e é representado, formalmente, pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) em nível nacional e da Organização Estadual de Cooperativas (OCE), em nível de cada unidade da federação.

Em decorrência de diversas necessidades, as cooperativas atuam em diferentes áreas da atividade humana. No Brasil, as cooperativas estão classificadas em 13 ramos, são eles: agropecuário, trabalho, crédito, saúde, transporte, habitacional, educacional, consumo, infraestrutura, produção, mineral, turismo e lazer e, especial. Juntos os ramos mencionados atendem mais de 14 milhões de associados no Brasil, sendo as cooperativas de crédito o maior ramo de representatividade com mais de 8 milhões de associados, seguido pelas cooperativas de consumo com mais de 2 milhões de associados e agropecuário com cerca de 1 milhão de associados, sendo o ramo agropecuário o com maior número de cooperativas espalhadas pelo país chegando a mais de 1.600 postos de atendimento e com maior número de empregados, conforme apresenta o Quadro 1.

Quadro 1 – Panorama no cooperativismo por ramo de atividade

Ramos	Associados	Cooperativas	Empregados
Crédito	8.941.967	929	60.237



Consumo	2.585.182	179	12.629
Agropecuário	1.017.481	1.618	198.654
Infraestrutura	1.006.450	135	5.692
Saúde	238.820	805	103.015
Trabalho	188.435	943	943
Habitacional	106.659	284	577
Transporte	98.713	1.357	9.835
Educacional	53.403	270	3.367
Mineral	23.515	97	182
Produção	5.777	239	2.960
Turismo	760	23	11
Especial	321	8	8

Fonte: OCB (2018).

De acordo com a OCB (2018) as cooperativas têm demonstrado significativa importância para a inclusão social no Brasil. Se comparado ao total de habitantes no país, o número de associados a cooperativas representa 6,3% da população brasileira. Se somadas as famílias dos associados, estima-se que hoje o movimento agregue mais de 52 milhões de pessoas, ou 25,4% do total de brasileiros.

2.2 COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

2.2.1 Bancos X Instituições Financeiras Cooperativas: distinções relevantes

As cooperativas de crédito possuem expressivas diferenças quando comparadas aos bancos comerciais. A principal diferença entre essas duas instituições diz respeito ao fato de que os bancos são sociedades de capital, ao passo que as cooperativas são sociedades de pessoas. Isso é sem dúvida, o ponto de partida para as demais diferenças existentes entre as mesmas. No Quadro 2, é possível ter uma noção dos aspectos relevantes que separam tais organizações.

Quadro 2 - Diferença entre bancos e instituições financeiras cooperativas

Bancos	Instituições financeiras cooperativas
São sociedades de capital	São sociedades de pessoas
O poder é exercido na proporção do número de ações	O voto tem peso igual para todos (uma pessoa, um voto)
As deliberações são concentradas	As decisões são partilhadas entre muitos
Os administradores são terceiros (homens de mercado)	Os administradores-líderes são do meio (associados)
O usuário das operações é mero cliente	O usuário é o próprio dono (associado)
O usuário não exerce qualquer influência na definição dos produtos ou sua precificação	Toda política operacional é decidida pelos próprios usuários/donos (associados)
Podem tratar distintamente cada usuário	Não podem distinguir: o que vale para um, vale para todos (art. 37 da Lei nº 5.764/71)
Preferem o público de maior renda e maiores corporações	Não discriminam, servindo a todos os públicos
Priorizam os grandes centros (embora não tenham limitação geográfica)	Não restringem, tendo forte atuação nas comunidades mais remotas
Tem propósitos mercantilistas	A atividade mercantil não é cogitada (art. 79, parágrafo único, da Lei nº 5.764/71)
A remuneração das operações e dos serviços não tem parâmetro/limite	O preço das operações e dos serviços tem como referência os custos e como parâmetro as necessidades de reinvestimento
Atendem em massa, priorizando, ademais o autosserviço	O atendimento é personalizado/ individual, com o apoio da informática
Não tem vínculo com a comunidade e o público-alvo	Estão comprometidas com as comunidades e os usuários
Avançam pela competição	Desenvolvem-se pela cooperação
Visam ao lucro por excelência	O lucro está fora do seu objeto, seja pela sua natureza, seja por determinação legal (art. 3º da Lei nº 5.764/71)
O resultado é de poucos donos (nada é dividido com os clientes)	O excedente (sobras) é distribuído entre todos (usuários), na proporção das operações individuais, reduzindo ainda mais o preço final pago pelos cooperados e aumentando a remuneração de seus investimentos
No plano societário, são regulados pela Lei das Sociedades Anônimas	São reguladas pela Lei Cooperativista e por legislação própria (especialmente pela Lei Complementar 130/2009)

Fonte: MEINEN; PORT, 2014.

O objetivo de uma cooperativa de crédito é desenvolver programas de assistência financeira e de prestação de serviços aos cooperados, com a finalidade de oferecer adequado atendimento às suas necessidades de crédito, contribuindo para torná-los independentes de outras instituições financeiras públicas e privadas.



2.2.2 Cooperativismo de crédito no Brasil

A estruturação do cooperativismo de crédito no Brasil, iniciada em 1902, teve uma notória influência e participação da igreja, tendo como pioneiro o padre Jesuíta Theodor Amstad. Segundo Meinen e Port (2012), o primeiro trabalho do padre no Brasil foi doutrinar famílias de imigrantes que estavam chegando ao estado. Como era jovem, tinha 34 anos, Amstad foi destinado pelos padres mais idosos para o atendimento às capelas do interior. Com isso, teve contato com a situação das famílias, o que o fez perceber que eram muitas as carências socioeconômicas dos imigrantes estabelecidos na região.

Assim, em 28 de dezembro de 1902, foi criada na Linha Imperial, distrito do município de Nova Petrópolis/RS, a primeira cooperativa de crédito da América Latina. Inicialmente ficou conhecida como “Sociedade Cooperativa Caixa de Economia e Empréstimos Amstad”, a cooperativa foi posteriormente batizada de “Caixa Rural de Nova Petrópolis”, e que após passar por inúmeras transformações, passou a funcionar como “Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Pioneira da Serra Gaúcha – Sicredi Pioneira RS” (PORTAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, 2018).

As cooperativas de crédito se equiparam às instituições financeiras, sendo autorizadas, reguladas e supervisionadas pelo Banco Central do Brasil e estão entre as dez maiores instituições financeiras do país em termos de ativos financeiros. Sua rede de atendimento representa 18% das agências bancárias do país, enquanto que os depósitos totais administrados ultrapassam 5% do total. Somadas, as cooperativas de crédito, ocupam a 6ª posição no ranking do volume de ativos, depósitos e empréstimos, estando, portanto, entre as maiores instituições financeiras de varejo do país (BACEN, 2018).

Tais números demonstram o grande desafio a ser superado pelas cooperativas brasileiras que, apesar de darem ao Brasil o 16º maior volume de ativos de instituições financeiras cooperativas no mundo, ainda possuem um mercado potencial muito grande para crescimento.

2.3 O CRESCIMENTO ECONÔMICO A PARTIR DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

A ideia original do cooperativismo prevê a substituição do mercado, do lucro e da competição, pela cooperação, pelo preço justo e pela distribuição mais igualitária dos resultados, por isso, tornando-se importante ator social no processo de desenvolvimento.



Promover o desenvolvimento econômico e o bem-estar social de todos os seus associados, bem como da comunidade em que se inserem, é o que move o cooperativismo. As decisões são tomadas coletivamente e os resultados obtidos são distribuídos de forma justa e igualitária, na proporção da participação de cada membro. Ao invés de concentrar o lucro em uma ou em poucas pessoas, os resultados das cooperativas são distribuídos entre todos os seus associados, impulsionando a geração de renda e a inserção social (OCB, 2018).

Por ser um empreendimento que nasce na base, a partir da união de pessoas e com foco no crescimento conjunto, as cooperativas contribuem com o desenvolvimento sustentável. Assim, são vanguardas na discussão sobre sustentabilidade, a partir de um modelo econômico, social, cultural e ambiental equilibrado, que busca satisfazer as necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras. O desenvolvimento social se dá a partir das transformações sociais, políticas, culturais, ambientais e econômicas (FERREIRA; PORTO, 2014).

Assim, para Lajus e Menezes (2015) as cooperativas podem contribuir de forma eficiente para esse fim pela própria característica da forma de distribuição dos resultados, onde não existe lucro (expropriação, aceita e regulada pelas forças de mercado, da mais-valia, logo, do trabalho excedente que fica com o dono do capital) e sim sobra (devolução legal da mais-valia que retorna à origem, à quem gerou, por via do sistema cooperativista).

Quando abordado o tema desenvolvimento, deve-se pensar no âmbito mais amplo da palavra e entender que o desenvolvimento só se dá quando temos a ampliação do bem-estar de uma população. A ampliação do bem-estar é uma variável de difícil avaliação e quantificação por comportar componentes subjetivos. Paralelamente a esta avaliação subjetiva o atendimento de necessidades básicas, sejam elas primárias, sejam elas construídas busca a inclusão social e o reconhecimento da equidade de direitos para os agentes iguais. Cultiva em essência a democracia, a solidariedade, a independência e a autonomia, portanto, o bem-estar social (FERREIRA; PORTO, 2014).

Para Buarque (2002), o processo endógeno no desenvolvimento local leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Assim, haverá uma participação efetiva da população na definição de seu rumo e sua forma de desenvolvimento, sendo que a forma de organização que facilita esta dinâmica social é a cooperativa. Para a construção do desenvolvimento local a participação da comunidade é fundamental, o ser humano constituir



o papel de sujeito nesse processo nas mais diversas formas de realização e organização, tendo a cooperação como primordial.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser considerada como uma pesquisa aplicada, considerando se tratar da geração de conhecimentos para aplicação prática voltada à resolução de problema específico de interesse regional. Ao que se refere a forma de abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa quantitativa descritiva, já que requer a análise descritiva dos dados financeiros provenientes das instituições financeiras estudadas como o uso de estatísticas descritivas por se ter o interesse em descrever as características de determinada população ou fenômeno (Silva e Menezes, 2001).

Estatística descritiva é aquela que se preocupa com a coleta, organização, classificação, apresentação, interpretação e análise de dados referentes ao fenômeno através de gráficos e quadros, além de calcular medidas que permitam descrever o fenômeno (FALCO, 2008). A estatística descritiva tem como objetivo a descrição dos dados, sejam eles de uma amostra ou de uma população (FERREIRA, 2005). Assim, utilizou-se de métodos de estatística descritiva para organizar, resumir e descrever os aspectos importantes de um conjunto de características observadas e, também, comparou-se tais características entre dois ou mais conjuntos de dados.

Como base de dados, utilizou-se uma série histórica, sendo observada a pesquisa das atas e estatuto fornecidos pela cooperativa Sicoob Meridional, no qual são apresentados os dados relativos a remuneração de juros ao capital e sobras distribuídas aos cooperados no período entre 2003 e 2018.

Para analisar a economia com taxas de juros que os cooperados tiveram ao utilizar a cooperativa de crédito como instituição financeira, foram utilizados os relatórios de operações de crédito liberadas da cooperativa, bem como para realizar o comparativo com as demais instituições financeiras foram utilizados os dados oficiais de taxa de juros nas mesmas modalidade de crédito dos cinco maiores bancos divulgados pelo Banco Central do Brasil no período entre 2016 a 2018 devido a ausência de informação nos anos anteriores.

O comparativo do pacote de serviços foi realizado com base no valor cobrado pelos cinco maiores bancos atuantes no país entre 2003 e 2018, considerando o pacote de serviços padronizados nível I (pacote básico de serviços), disponibilizados pelo Banco



Central do Brasil, multiplicando-se o resultado pela quantidade de cooperados de cada respectivo ano.

A região de abrangência do estudo foram os municípios com base na área de atuação do Sicoob Meridional, que estão dentro da Região Oeste do Paraná e Serra Gaúcha no Rio Grande do Sul, sendo eles: Toledo, Vera Cruz do Oeste, Terra Roxa, Guaíra, Santa Helena, Palotina, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Lajeado e Estrela.

Esse processo descritivo visou à identificação, registro e análise das características apontadas dos dados coletados. Podendo ser entendida como um estudo comparativo entre os bancos comerciais e a cooperativa Sicoob Meridional, em que, após a coleta de dados nos anuários fornecidos pelo Banco Central do Brasil e a cooperativa citada, foram apresentados, além dos dados coletados, os resultados obtidos, uma área para as análises gráficas e demais resultados podendo assim gerar um melhor entendimento de todos. A metodologia proporcionou resultados detalhados para explicar um assunto bastante abordado e complexo, sendo exposto de forma mais simples.

4 RESULTADOS E SUA ANÁLISE

O sistema SICOOB é composto por uma Confederação, com sede em Brasília, e por um banco, Banco Cooperativo do Brasil (BANCOOB). Este sistema é dividido em 16 centrais, que abrigam 466 cooperativas. Juntas elas formam o maior sistema financeiro cooperativo do Brasil com mais de 2,7 mil pontos de atendimento, 4,2 milhões de associados e R\$ 43,7 bilhões de ativos.

Dentre as 16 cooperativas centrais, está o Sicoob Unicoob Paraná que surgiu com objetivo de atender as necessidades de expansão das cooperativas de crédito no Estado do Paraná, expandindo a linha de produtos e serviços ofertados. A constituição do Sicoob Central Paraná (Central das Cooperativas de Crédito do Estado do Paraná), ocorreu em 22 de dezembro de 2001, formada inicialmente por três cooperativas singulares.

Em 2018 estava presente em 150 municípios do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Pará e Amapá, possuía mais de 288 mil cooperados distribuídos em 19 cooperativas singulares e que tinha à disposição 238 pontos de atendimento. Em todo o sistema eram mais de 2,7 mil colaboradores.

Dentro da estrutura da Central Sicoob Unicoob, está a cooperativa que será objeto desse estudo, a Cooperativa de Crédito da Região Meridional do Brasil (Sicoob Unicoob



Meridional). Idealizada em 2000 com o nome Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Comerciantes de Confecções da Região Oeste (Sicoob Oeste).

A cooperativa Sicoob Oeste foi fundada em 17 de julho de 2002, com 26 associados que integralizaram R\$ 500,00 cada, totalizando R\$13.000,00 em capital social. Já no ano de 2009 a cooperativa teve um aumento expressivo no número de associados passando de 3.515 a 6.568 associados, esse fato deve-se a mudança da estrutura para uma cooperativa de livre admissão onde renomeou-se para Cooperativa de Crédito de Livre Admissão da Região Oeste, possibilitando o associativismo de um nicho maior de mercado.

No ano de 2015 a cooperativa recebeu autorização do Banco Central do Brasil para expansão da área de atuação para as cidades de Caxias do Sul e Bento Gonçalves, ambas no Rio Grande do Sul. Com isso a nova denominação social passou a ser Cooperativa de Crédito da Região Meridional do Brasil (Sicoob Unicoob Meridional).

Em 2018 o Sicoob Meridional alcançou a marca de R\$ 700 milhões em volume administrado e 36.711 associados, apresentando um crescimento considerável entre a sua fundação e 2018.

4.1 EVOLUÇÃO DO CAPITAL SOCIAL

A partir do momento em que o indivíduo se torna associado, ele também passa a ser dono da sociedade, possui capital empregado e responsabilidade com relação a terceiros, celebra contrato societário e obriga-se a contribuir com bens e serviços, para o exercício de uma atividade de proveito comum. Daí decorre que, na estrutura cooperativista, é, ao mesmo tempo: dono, usuário e fornecedor (OCEPAR, 2012).

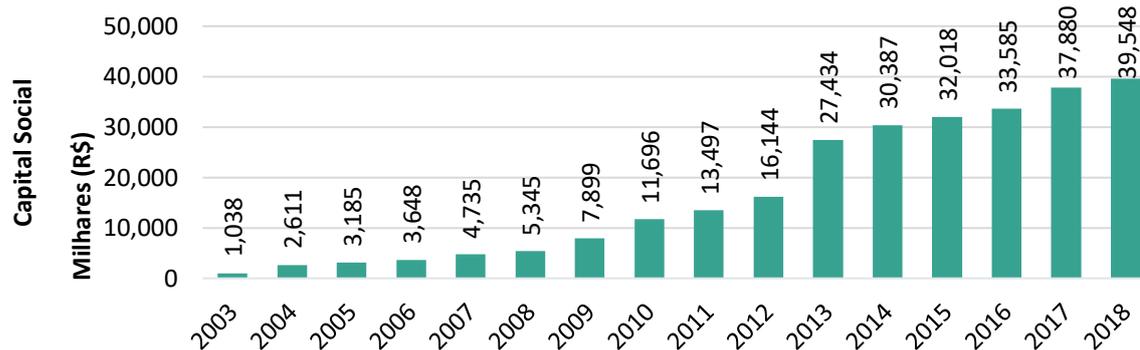
Capital Social é o valor que cada pessoa integraliza/deposita ao associar-se e que serve para o desenvolvimento da cooperativa. É o capital social que dá ao usuário da cooperativa a condição de dono do empreendimento cooperativo permitindo-lhe usufruir dos produtos e serviços oferecidos e se sujeitando a cumprir seus direitos e obrigações perante sua cooperativa. O capital social de uma cooperativa de crédito é a principal fonte formadora do seu patrimônio e garantia, perante terceiros das obrigações assumidas pela sociedade (PORTAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, 2018).

No Gráfico 1 percebe-se que, do primeiro para o segundo ano de atuação, a cooperativa teve uma alavancagem de 151% de capital social integralizado demonstrando a



solidez na qual a cooperativa se iniciou. Em todo o período, desde sua criação, foi possível observar um crescimento no capital social de 3.711% ultrapassando R\$ 39 milhões.

Gráfico 1 – Evolução do capital social integralizado entre 2003 a 2018



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os números do capital social evidenciam o quanto a prática cooperativa possibilita a circulação de moeda e novos empreendimentos aquecendo o sistema financeiro.

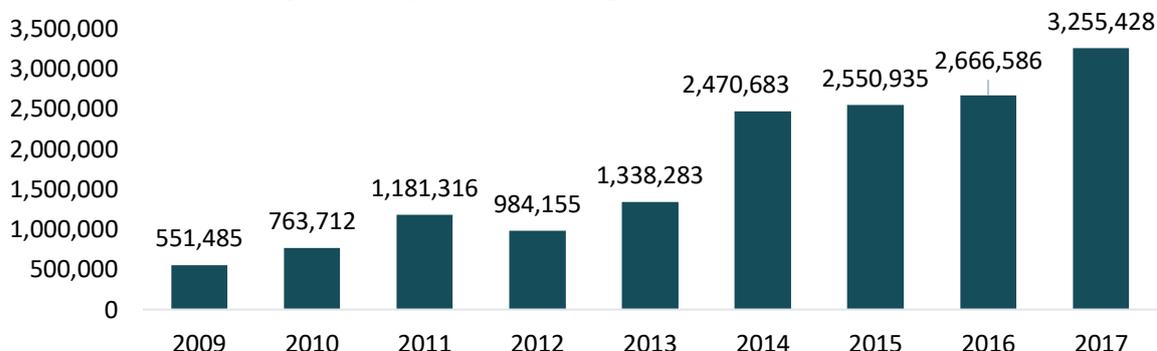
4.2 EVOLUÇÃO DAS SOBRAS E JUROS AO CAPITAL

Para a primeira análise de crescimento econômico a partir da distribuição de riqueza, o conceito de sobras se traduz como:

Cooperativas de crédito mais eficientes desempenham melhor seu papel socioeconômico, (...) como a capacidade de gerar sobras, as quais representam o retorno excedente que pode ser distribuído aos sócios, reinvestido na cooperativa, ou, pode retornar na forma de juros mais altos sobre as aplicações (depósitos de longo prazo), ou na forma de menor custo, reduzindo as taxas de empréstimos e de prestação de serviços. Apesar de a obtenção de sobras cada vez maiores não ser o objetivo principal das cooperativas, visto que suas receitas são provenientes, em grande parte, de tarifas cobradas dos cooperados, quando estas são originárias de menores despesas resultantes de ganhos de eficiência, permitem o crescimento e a modernização da cooperativa sem onerar o cooperado (FERREIRA; GONÇALVES; BRAGA, 2007, p. 427).

Após realizada as reservas do FATES e reserva de lucros, ocorre a remuneração do capital social integralizado pelos associados. A cooperativa Sicoob Meridional iniciou o pagamento dessa remuneração a partir de 2009 conforme aprovação em Assembléia Geral Ordinária - AGO de 2008. No dia 31 de dezembro dos anos correntes, o capital social é remunerado pela taxa Selic vigente, e creditadas na conta capital do cooperado (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Remuneração do capital social integralizado entre 2009 e 2017

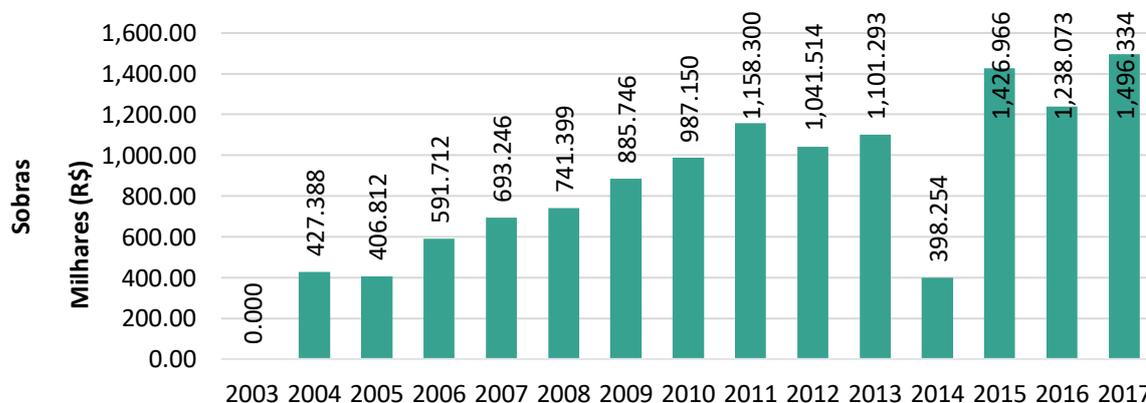


Fonte: Sicoob Meridional. Elaborado pelos autores.

Conforme apresentado no Gráfico 2, no ano de 2017 a cooperativa fechou o exercício com o volume de R\$ 37,9 milhões de capital social, sendo remunerado em R\$ 3,3 milhões. No período entre 2009 e 2017 o capital foi remunerado em R\$ 15,8 milhões.

Depois de deduzidos os fundos, reservas e remuneração ao capital, chega-se as sobras líquidas, que são distribuídas em conta corrente. Dessa forma, o Gráfico 3 demonstra através dos valores de sobras distribuídas aos cooperados entre o período de sua inauguração e o último exercício de 2017 que ao redistribuir esse excedente econômico proporcionou a capacidade de desenvolvimento local na região.

Gráfico 3 - Sobras do Sicoob Meridional à disposição da Assembleia Geral de cooperados entre 2003 e 2017



Fonte: Sicoob Meridional. Elaborado pelos autores.

Em todo o período considerado, foram distribuídos aos associados R\$ 12,6 milhões em sobras. Ao somar o valor das sobras pago no período mais o valor de remuneração ao



capital social dos associados no período, obtêm-se o total de R\$ 28,4 milhões que foram revertidos aos cooperados. Conforme a teoria, recurso este que contribui para dinamizar as regiões proporcionando crescimento, o que de fato não ocorreria no caso de haver apenas os bancos comerciais, por estes reverterem seus lucros às suas sedes.

4.3 ECONOMIA DE TARIFAS E JUROS

Os pacotes de serviços oferecidos pelos bancos são classificados em dois grupos: os padronizados e os personalizados. Os padronizados, objeto desse estudo, atendem a norma do Banco Central (Resolução nº3.919/2010) que torna obrigatória a oferta em todos os bancos, preservando o mesmo nome e configuração, onde seja possível a comparação de preços e quantidade de franquias para cada serviço, por exemplo: mesma quantidade de saques, extratos e transferências no mês. O que diferencia os padronizados em I, II, III e IV é a quantidade de franquia dos serviços.

Para constatar as informações da cooperativa, a partir de informações do Banco Central do Brasil, foram analisados as taxas de juros médias e os pacotes de tarifas para pessoas físicas e pessoas jurídicas de três grupos, sendo eles, Bancos privados; Consolidado (bancos privados + bancos públicos + Caixa Econômica Federal) e Cooperativas de crédito.

Tarifas são custos que as instituições financeiras repassam a seus clientes tendo como base a prestação de um determinado serviço. No que diz respeito aos pacotes de serviços, o resultado do estudo das informações fornecidas pelo Banco Central do Brasil revelou, conforme o Gráfico 4, o comparativo de preços dos pacotes bancários de nível I, praticado pelos cinco maiores bancos do país (Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Itaú e Santander) para o ano de 2018.



Gráfico 4 - Comparativo de pacote de serviços padronizados I entre Bancos comerciais e o Sicoob Meridional



Fonte: Banco Central do Brasil (2018). Elaborado pelos autores.

Conforme Gráfico 4, os bancos comerciais possuem valores de pacote de serviços padronizados nível I, em média, R\$ 12,42 por mês. A cooperativa não realiza cobrança de pacote de serviços, portanto, no período entre 2003 e 2018, foi observado que os associados deixaram de ter um custo em torno de R\$ 16,4 milhões.

Conforme Costa e Silva (2010) o perfil das cooperativas de crédito é a pulverização, onde os empréstimos, praticamente 56% dos contratos liberados pelas cooperativas ficam na faixa de valores até R\$ 3.000,00, beneficiando pequenos empreendedores em diversos municípios brasileiros, apesar de na última década o mercado estampar um forte apelo para a oferta de crédito, as cooperativas pela sua grande função social e, fundamentada em suas características, possuem uma relação de estreito contato com os seus associados, conferindo desta forma a privilegiada condição de verificar a adequada necessidade de recursos e serviços financeiros de seus associados.

Outro ponto a favor do associado que movimentou na cooperativa entre os anos de 2016 e 2018 são as taxas de juros médias praticadas em operações de crédito com recursos livres para pessoas físicas e jurídicas. No segmento Pessoa Física foram realizados comparativos de taxas de juros médias anuais nas operações Cheque especial, Crédito Pessoal – com consignação em folha de pagamento e Crédito Pessoal – sem consignação em folha de pagamento.

No cheque especial a cooperativa possuía emprestado um montante de R\$ 2,2 milhões em 2018, trazendo os dados a valores mensais, observa-se uma taxa de juros cobrada pelos bancos comerciais na ordem de 12,67% a.m. frente a 7,67% a.m. cobrada

pelo Sicoob Meridional, logo, 39% mais baixa, apresentando uma diferença de mais de R\$ 10,0 milhões de juros pagos a menos.

A modalidade de crédito pessoal com consignação em folha de pagamentos apresentou diferença de R\$ 1,8 milhões que os associados economizaram ao utilizar a cooperativa, diferenciando-se na taxa de juros em cerca de 18%.

Quadro 3 – Comparativo de taxas médias de operações de crédito – Pessoa Física

CHEQUE ESPECIAL						
Ano	Valor utilizado (R\$)	BANCOS COMERCIAIS		SICOOB MERIDIONAL		Diferença (R\$)
		Tx. média a.a. (%)	Provisão de juros (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Juros Pagos (R\$)	
2018	2.666.193,00	308,80	8.233.203,98	129,81	3.460.985,13	4.772.218,85
2017	1.789.184,00	328,87	5.884.089,42	135,53	2.424.881,08	3.459.208,35
2016	1.541.784,00	318,12	4.904.723,26	162,95	2.512.337,03	2.392.386,23
CRÉDITO PESSOAL - COM CONSIGNAÇÃO EM FOLHA DE PAGAMENTO						
Ano	Valor utilizado (R\$)	BANCOS COMERCIAIS		SICOOB MERIDIONAL		Diferença (R\$)
		Tx. média a.a. (%)	Provisão de juros (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Juros Pagos (R\$)	
2018	25.810.128,64	22,42	5.786.630,84	17,18	4.434.180,10	1.352.450,74
2017	6.851.755,29	25,05	1.716.364,70	19,14	1.311.425,96	404.938,74
2016	1.076.660,00	27,42	295.220,17	25,05	269.703,33	25.516,84
CRÉDITO PESSOAL - SEM CONSIGNAÇÃO EM FOLHA DE PAGAMENTO						
Ano	Valor utilizado (R\$)	BANCOS COMERCIAIS		SICOOB MERIDIONAL		Diferença (R\$)
		Tx. média a.a. (%)	Provisão de juros (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Juros Pagos (R\$)	
2018	23.035.899,12	70,56	16.254.130,42	26,82	6.178.228,14	10.075.902,28
2017	16.970.272,54	81,23	13.784.952,38	27,12	4.602.337,91	9.182.614,47
2016	4.052.945,06	85,63	3.470.536,85	30,91	1.252.765,32	2.217.771,54
Diferença de juros pagos (R\$)						33.883.008,03

Fonte: Sicoob Meridional. Elaborado pelos autores.

Já na modalidade de crédito pessoal sem consignação em folha de pagamentos a diferença entre as taxas chega a 64%, provocando uma economia de R\$ 21,5 milhões em três anos analisados.

Da mesma forma ao analisar o segmento pessoa jurídica, a diferença nas taxas de juros provocou uma economia de R\$ 17,6 milhões. Conforme demonstrado na Quadro 4, foi realizado comparativo nas taxas de juros de operações de crédito nas modalidades capital de giro com prazo superior a 365 dias, desconto de cheques e desconto de duplicatas.

Na modalidade capital de giro com prazo superior a 365 dias observa-se uma taxa média anual de 27,26% nos bancos comerciais e no Sicoob Meridional a taxa cai para 19,10% a.a.

Quadro 4 – Comparativo de taxas médias de operações de crédito – Pessoa Jurídica

continua

CAPITAL DE GIRO COM PRAZO VENCIMENTO SUPERIOR 365 DIAS						
		BANCOS COMERCIAIS		SICOOB MERIDIONAL		
Ano	Valor utilizado (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Provisão de juros (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Juros Pagos (R\$)	Diferença (R\$)
2018	63.407.882,80	21,13	13.398.085,64	18,02	11.426.100,48	1.971.985,16
2017	40.209.325,99	27,42	11.025.397,19	20,98	8.435.916,59	2.589.480,59
2016	9.346.968,18	33,23	3.105.997,53	18,3	1.710.495,18	1.395.502,35

continuação

CAPITAL DE GIRO COM PRAZO VENCIMENTO SUPERIOR 365 DIAS						
DESCONTO DE CHEQUES						
		BANCOS COMERCIAIS		SICOOB MERIDIONAL		
Ano	Valor utilizado (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Provisão de juros (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Juros Pagos (R\$)	Diferença (R\$)
2018	35.863.258,33	36,71	13.165.402,13	26,68	9.568.317,32	3.597.084,81
2017	24.726.305,55	44,75	11.065.021,73	27,42	6.779.952,98	4.285.068,75
2016	5.170.432,33	46,27	2.392.359,04	31,99	1.654.021,30	738.337,74
DESCONTO DE DUPLICATAS						
		BANCOS COMERCIAIS		SICOOB MERIDIONAL		
Ano	Valor utilizado (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Provisão de juros (R\$)	Tx. média a.a. (%)	Juros Pagos (R\$)	Diferença (R\$)
2018	81.575.213,94	27,12	22.123.198,02	28,63	23.354.983,75	-1.231.785,73
2017	50.510.984,15	36,71	18.542.582,28	29,69	14.996.711,19	3.545.871,09
2016	7.194.606,57	42,74	3.074.974,85	33,08	2.379.975,85	694.998,99
Diferença de juros pagos (R\$)						17.586.543,75

Fonte: Sicoob Meridional. Elaborado pelos autores.

Nas operações de desconto de cheques, as empresas associadas economizaram mais de R\$ 8,0 milhões ao anteciparem os cheques na cooperativa de crédito. Assim como no desconto de duplicatas essa economia foi de cerca de R\$ 2,3 milhões em três anos.

Em suma, se esses associados tivessem realizado as mesmas operações de crédito com as outras instituições financeiras sob supervisão do Banco Central do Brasil, entre os anos de 2016 e 2018, eles teriam gasto a mais, R\$ 51,5 milhões. Esse valor é consequência da taxa de juros média cobrada por outros bancos (divulgada pelo Banco Central do Brasil)



em comparação à taxa de juros média praticada pela cooperativa, de acordo com as modalidades de crédito analisadas.

Com a análise desses seis produtos percebe-se que, a principal bandeira do cooperativismo, que é gerar riqueza na própria comunidade, refletiu de uma forma bastante clara ao passo que fica evidente uma considerável redução de juros cobrados em relação aos bancos em apenas três anos de análise, e considerando que este valor foi economizado pelos associados e que os mesmos foram atendidos em sua necessidade de produtos financeiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu constatar a influência que o cooperativismo de crédito tem no desenvolvimento local, sendo considerado um modelo econômico e social de organização que não faz distinção entre as classes sociais, culturas e religiões e que busca, primeiramente, o bem-estar de seus cooperados. Conclui-se que as cooperativas de crédito têm um papel de destaque na promoção do crescimento econômico regional, sendo consideradas um fator endógeno de impulsão a esse crescimento, pois a sociedade local participa, já que as pessoas se organizam em torno de interesses em comum. Dessa forma, a cooperativa Sicoob Meridional, impacta mais de 36 mil associados em sua área de atuação propiciando a realocação de recursos na mesma região.

Além disso, vale lembrar que os cooperados e usuários da cooperativa são membros da comunidade local, diferente dos bancos comerciais tradicionais que podem ter no seu quadro de acionistas membros de outras cidades, estados ou países de onde a renda foi gerada. Portanto, a remuneração do capital social integralizado na cooperativa no valor de R\$ 15,8 milhões foi redistribuído na própria região onde atua. Esse fator por si só demonstra que a distribuição de riqueza das cooperativas, além de maior aos seus sócios é mais eficaz sob o âmbito de desenvolvimento local e sob o aspecto de reinício do ciclo econômico.

Como as cooperativas não têm o objetivo de ter lucro no final do exercício e sim de sobras, que são rateadas proporcionalmente para cada associado que aplicou na cooperativa, foi possível a distribuição de riqueza na ordem de R\$ 12.594.188 em 15 anos.

O sistema capitalista que busca o lucro nas suas operações, muitas vezes não leva em conta o prejuízo social que possa trazer já que seu objetivo é valorizar o capital que os acionistas ali colocaram para obter seu crescimento financeiro. Em contrapartida, o



cooperativismo de crédito ao obter sobras nas suas operações, ao invés de acumular capital, distribui as mesmas entre os associados, procurando fazer a divisão baseado na participação de cada um na produção desse capital.

Mediante a concessão de empréstimos a juros menores e com abertura de crédito mais ágil e desburocratizada aos associados, as cooperativas de crédito surgem como uma alternativa viável aos bancos comerciais tradicionais do sistema financeiro. O fato de as cooperativas não trabalharem em função da obtenção de lucro, permite que atuem com ganhos reais menores e, assim, reduzam as taxas de juros e os preços dos serviços, assim pode-se observar que a cooperativa Sicoob Meridional, em três anos permitiu uma economia de mais de R\$ 51,0 milhões em juros nas operações de crédito e mais de R\$16,0 milhões através da isenção de cobrança dos pacotes de serviços.

Dessa forma, a Cooperativa em estudo por meio de suas ações que reverteram mais de R\$ 96,0 milhões aos seus associados, seguindo os princípios do cooperativismo e contribuindo para o crescimento econômico local já que os recursos são utilizados na própria comunidade podendo agregar melhoria na qualidade de vida dos seus associados.

De acordo com os dados obtidos por meio da pesquisa, tal fato está relacionado a possibilidade de obter menores taxas em comparação às praticadas pelo mercado, realização de operações entre os seus pares e ter a garantia de que o resultado financeiro (sobras) retorna para o próprio cooperado e não para os acionistas como é feito no sistema bancário tradicional.

Para finalizar, registra-se que o estudo é limitado ao estudo econômico dos benefícios da cooperativa em relação à distribuição de riqueza. Assim, ele não contempla a visão dos associados que são usuários da cooperativa, o que não permitiu que outras vertentes do desenvolvimento, além do econômico, fossem analisadas.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Taxa de Juros**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/TXJUROS/>>. Acesso em: 02 nov., 2018.

_____. **Tarifas Bancárias**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/TARIFA/>>. Acesso em: 02 nov., 2018.

_____. **Relatório de Economia Bancária**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/REB/>>. Acesso em: 02 nov., 2018.



_____. **Cooperativismo de crédito.** Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pre/composicao/coopcred.asp>>. Acesso em: 16 set., 2018.

_____. **Informações sobre operações bancárias.** Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/INFOPBAN>>. Acesso em: 07 nov., 2018.

BENATO, João Vitorino Azolin. **O ABC do Cooperativismo.** 2. ed. São Paulo: ICAOCESP, jun. 1995.

BUARQUE, Sergio Cavalcante. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

COSTA, A. P.; SILVA, A. C. O cooperativismo como vantagem competitiva: Uma análise entre as sociedades cooperativas e os bancos comerciais. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades.** v.1. n.2, p. 59-74, 2010.

FALCO, Javert Guimarães. **Estatística aplicada.** Cuiabá: EdUFMT; Curitiba: UFPR, 2008.

FARIAS, Cleuza Maria.; GIL, Marcelo Freitas. **Cooperativismo.** Pelotas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia; Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria; Rede e-Tec Brasil, 2013.

FERREIRA, Pedro Lopes, **Estatística descritiva e inferencial breves notas,** 2005. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/9961/1/AP200501.pdf>>. Acesso em: 02 nov., 2018.

FERREIRA, M. A. M.; GONÇALVES, R. M. L.; BRAGA, M. J. Investigação do desempenho das cooperativas de crédito de Minas Gerais por meio da Análise Envoltória de Dados (DEA). **Economia Aplicada,** Ribeirão Preto, v. 11, n. 3, p. 425-445, 2007.

FERREIRA, Marinilde Verçosa; PORTO, Selomi Bermeguy. Cooperativismo e desenvolvimento socioeconômico: uma análise da cooperativa de crédito rural de economia solidária – Solicitud Benjamin Constant/AM. **Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS & Rede de Pesquisadores em Gestão Social – RGS.** 2014. v. 5, n. 2. p. 323-337.

FONSECA, Reinaldo Aparecida. et al. Importância das cooperativas de créditos como agentes de desenvolvimento regional: um estudo na Sicoob Credicampo. In: **VI CONVIBRA,** 2009.

FRANTZ, Walter. Educação e poder na racionalidade da cooperação. In: **Perspectiva Econômica,** vol. 38, nº 121, Série Cooperativismo nº 53, p. 15-40. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

FURQUIM, Maria Cecília de Araújo. **A cooperativa como alternativa de trabalho.** São Paulo: LTR, 2001.

KALUF, Marco A. B. A responsabilidade do associado perante a cooperativa de crédito. In: Leite, Jaqueline R. de F.; SENRA, Ricardo B. de F. (coord.) **Aspectos Jurídicos das Cooperativas de Crédito.** Belo Horizonte: Mandamentos, 2005. P. 217-246. (Série Cooperativismo, 6).



LAJUS, Maria Luiza de Souza; MENEZES, Celso Marques. Cooperativismo de crédito e desenvolvimento. **Revista Economia e Desenvolvimento**. 2015. v. 14, n. 2, p. 294-313.

LEOPOLDINO, Cândida Joelma. Elementos conceituais e históricos do cooperativismo. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, Marechal Cândido Rondon, PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2011. v. 11, p. 141-156.

MAUAD, Marcelo. **Cooperativas de trabalho: sua relação com o direito do trabalho**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: LTR, 2001.

MEINEN, Ênio; PORT, Márcio. **O cooperativismo de crédito: ontem, hoje e amanhã**. Brasília, DF: CONFEBRAS, 2012.

_____. **Cooperativismo financeiro: percurso, histórico, perspectivas e desafios**. Brasília, DF: CONFEBRAS, 2014. OCB – Organização das Cooperativas do Brasil. **Sete linhas que orientam o cooperativismo**.

OCB – Organização das Cooperativas do Brasil. **Ramos do cooperativismo**. Disponível em < <https://www.ocb.org.br/ramos>>. Acesso em: 12 out., 2018.

OCEPAR – Organização das Cooperativas do Paraná. **O capital social nas sociedades cooperativas**. 2012.

PINHEIRO, Marcos Antonio Henriques. **Cooperativas de crédito: história da evolução normativa no Brasil** / Marcos Antonio Henriques Pinheiro. – 6 ed. – Brasília: BCB, 2008.

PINHO, Diva B. **O cooperativismo no Brasil – da vertente pioneira à vertente solidária**. São Paulo: Saraiva, 2004.

PORTAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO. **Maiores bancos do Brasil**. 2018. Disponível em: <<http://cooperativismodecredito.coop.br/mercado-financeiro/maiores-bancos-brasileiros/>>. Acesso em: 07 set., 2018.

_____. **História do Cooperativismo de Crédito no Brasil**. 2018. Disponível em: <<http://cooperativismodecredito.coop.br/cooperativismo/historia-do-cooperativismo/historia-no-brasil/>>. Acesso em: 29 set., 2018.

SILVA, E. L. e MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Laboratório de ensino a distância, UFSC, 2001.

VERAS NETO, Francisco Quintanilha. **Cooperativismo: nova abordagem sócio-jurídica**. Curitiba: Juruá, 2003.